

# <sup>143</sup> Bandeirantes ensinam respeito e solidariedade

*Criada nos moldes do  
escotismo, federação  
valoriza noções de  
cidadania e autonomia*

**C**ada broche exibido com orgulho no uniforme dos integrantes da Federação das Bandeirantes do Brasil – Região de São Paulo representa bem mais que um simples enfeite: é o símbolo de aquisição de experiência, desenvolvimento de habilidades e reconhecimento de suas capacidades. Atuante em 136 países, o movimento baseia-se no programa educativo desenvolvido no começo do século pelo inglês Baden Powell, também idealizador do escotismo.

Atualmente, embora a atuação feminina ainda seja predominante, até mesmo em sua coordenação, a Federação das Bandeirantes também aceita a participação de garotos.

Atuando no setor da educação não-formal, sem ligação com nenhuma religião, a entidade tem como prioridade desenvolver os sentimentos de coletividade, solidariedade, respeito à natureza e ao próximo. “Nosso objetivo é contribuir para desenvolver o potencial de crianças e jovens, para que se tornem pessoas autônomas e responsáveis”, afirma a advogada Marisa Dolcetti Garilli, presidente da instituição.

Marisa aproximou-se da entidade quando a filha, então com 9 anos, começou a participar, a convite de uma colega de escola. “Uma das características do movimento é, justamente, integrar os pais em todas as atividades, o que costu-

ma favorecer o melhor relacionamento entre pais e filhos”, conta. Segundo ela, o resultado dessa aproximação tem sido jovens mais seguros, conscientes dos próprios potenciais.

A partir dos 6 anos, os bandeirantes aprendem noções de cidadania, participam de trabalhos voluntários em asilos, hospitais e orfanatos, cuidam de praças e recuperam equipamentos públicos.

As atividades de lazer são direcionadas para o desenvolvimento do espírito de solidariedade. Nos acampamentos, todos compartilham responsabilidades: preparam os alimentos,

cuidam da higiene, aprendem noções de primeiros socorros, tomam decisões sobre questões práticas. “Isso ajuda a desenvolver a criatividade e aumentar a capacidade de produ-

ção”, acredita a coordenadora Renata Akiyama.

**Currículo** – “Participar do movimento me deu a oportunidade de aprender a trabalhar em equipe, viajar e respeitar diferentes tipos de pessoas; me tornou uma pessoa melhor”, garante a subcoordenadora Beatriz Schmidt de Araújo. Seu entusiasmo, ainda na infância, motivou oito primos e oito tios a tornarem-se bandeirantes ou escoteiros.

“Ser um bandeirante é um dado positivo no currículo dos jovens”, acredita a segunda secretária da entidade, Paola Bastianelli. Ela atribui sua contratação, no início da carreira, como nutricionista na Prefeitura de São Paulo, em grande parte, ao fato de ser bandeirante. (G.L.)

**A**DEPTOS  
ATUAM  
COMO  
VOLUNTÁRIOS